

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por semana ás Quintas feiras. Subscree-se n'esta Typographia a 1\$ por trimestre, pagos adiantados.

RIO DE JANEIRO. TYPOGRAPHIA DO DIARIO, DE N. L. VIANNA — RUA D'AJUDA N. 79.

RIO DE JANEIRO.

Um grande conflicto judicial elevou-se ultimamente entre o Sr. Ministro da Justiça, e o Sr. Lucio Soares Teixeira de Gouvea, Presidente do Tribunal da Relação do Rio de Janeiro. Vamos expender algumas idéas á semelhança respeito, por isso que julgamos o objecto muito serio, e que pode accarretar tristes consequências para o paiz, e para a independencia dos poderes Constitucionaes. E' da attribuição do *poder executivo* o prover os empregos civis, e politicos, que se acharem vagos, e expedir pela Secretaria de Estado respectiva os *Alvarás*, e *Cartas dos Officios* de sua nomeação. Aquelles empregos, que não estiverem vagos, mas que entretanto, necessitem de um serventuario, devem ser providos pelas autoridades, sob cuja jurisdição estiverem recebendo os nomeados as competentes cartas de serventia passadas pelas mesmas autoridades; como é expresso na Constituição art. 102 § 4.º, e Ley de 22 de Setembro de 1828, art. 2.º § 11.

Pertencia a serventia vitalicia do emprego de Secretario da Relação do Rio de Janeiro á um menor, filho do antigo proprietario Antonio Justino de Brito, e como o Tutor do menor não fez, dentro do prazo de seis meses marcados no § 4.º da Ley de 11 de Outubro de 1827, a nomeação que lhe competia, de serventuario, durante a menoridade do seu pupillo; o Presidente da Relação, usando do direito, que lhe faculta o § 5.º da supra citada Ley, proveu o dito lugar. Mas eis que o Sr. Ministro da Justiça, não se lembrando talvez, que só tinha direito de se ingerir n'este negocio, si acaso estivesse vago o emprego, manda expedir *titulo de serventia* á um individuo, que lhe apresentava a Tutora do Orfão, á quem pertence a serventia do lugar, fora do prazo marcado pela Lei. O Presidente da Relação fez o que por Ley lhe cumpria; não accitou o provimento do Ministro; eis d'onde procede o conflicto, no qual acreditá-

mos, que toda a razão e justiça estão da parte do Sr. Lucio Soares Teixeira de Gouvea.

Mesmo quando se queira admitir a hypothese, (falsa e illegal) de que a Tutora podia ainda nomear, apesar de haver decorrido o prazo marcado por Ley; era perante o Presidente da Relação, e não perante o Ministro, que ella devia fazer tal nomeação; porque á aquelle, e somente á aquelle competia em tal caso o conhecimento d'este negocio, para expedir-lhe o titulo respectivo.

Ora alem d'isto, devia o Sr. Ministro da Justiça lembrar-se de que um semelhante caso, á respeito da serventia d'esse mesmo emprego, já foi decidido em gráu de Revista, sustentando-se a nomeação feita pelo Visconde de Goyanna, que então, como Chanceller, presidia a Relação, e declarando-se por essa *decisão*, ou *Sentença* dimanada de competente *autoridade*, que ficasse de nem-um rigor a nomeação feita pelo então Ministro da Justiça, o Sr. Visconde de Alcantara.

Julgámos, pois, que o Sr. Ministro ultrapassou n'este negocio as suas attribuições, e lesou a independencia judicial; e portanto esperamos, que, deixando S. Ex. de parte considerações particulares, finalise tal conflicto, cedendo, o direito á quem o tem; e por este novo e legal comportamento se mostrará respeitador das Leys, e dos direitos alheios. —

—Escrevem-nos algumas pessoas de *Vassouras*, queixando-se muito do Juiz de Direito o Sr. D. Manuel de Mascarenhas. Um facto acontecido ultimamente é o motivo de taes queixas. O Jury deu a sua sentença sobre um escravo de João Barbosa, que comparecera á barra do Tribunal, accusado de homicidio, e esqueceu-se de diser em que gráu de pena havia o Reo incorrido. E o Sr. D. Manuel, sem se lembrar, que faltava a resposta dos Jurados, quanto á esse quizito, condemnou o Reo á pena de morte. Appellando o Reo para o Jury do Nietheroy, não quiz o Sr.

Juiz aceitar a appellação, por ser escravo, affirmando, que a Ley de 10 de Junho de 1835 havia tirado o recurso de appellação aos Escravos; e conceden somente o enviar os Autos ao Sr. Ministro da Justiça, para decidir, quanto á falta de resposta ao quizito, e a condemnação entretanto lavrada nos Autos pelo Juiz de Direito. Alem d'este facto, consta que já durante o Juizado de Direito do Sr. D. Manuel, outro escravo, que havia tentado contra a vida de seu Sr., á pouco mais ou menos dous annos, tendo sido condemnado pelos Jurados, e tambem esquecendo-se estes de declarar em que gráu de pena, foi votado á morte pelo Sr. Juiz, e como este Sr. acreditava, que a Ley de 10 de Junho tirava todo e qualquer recurso, até mesmo o do poder moderador, concedido ao Imperante pela Constituição do Imperio, mandou-o immediatamente executar.

Eis aqui o que se nos escreve. A serem verdadeiros ambos os factos, o Sr. D. Manuel é por ambos reprehensivel. Primeiramente devia-se lembrar o Sr. D. Manuel, que a Ley de 10 de Junho de 1835, apesar de ser Ley toda excepcional, e de não estar em harmonia com oCodigo Criminal, não podia de modo algum ferir uma attribuição de um dos poderes do Estado, reconhecidos pela Constituição Brasileira, e que portanto de nemmodo podia negar o recurso da *perda Imperial* ao escravo, que o pedia, recusando, em virtude d'essa ley, somente a appellação para outro Jury, ou para a Relação. Em segundo lugar, devia-se S. S.ª tambem lembrar, que essa Ley, como já dissemos, toda excepcional, só se pode applicar aos casos por ella marcados, que são — Tentativa de morte, acompanhada de graves ferimentos, da parte do escravo contra a pessoa de seus senhores, administradores, &c.: e que, no caso do escravo de João Barbosa, que havia assassinado um homem extranho, devia-se applicar oCodigo Criminal, e dar-se recurso para novo julgamento para outro Jury: seguindo-se os termos marcados pelo mesmo

Código, e de nem-uma maneira se achava o escravo comprehendido na Ley de 10 de Junho, que unica prohibe taes recursos, concedendo somente o do perdão Imperial.

Eis aqui o que julgamos do nosso dever, declarar sobre pontos de direito em taes questões. Estes pontos de direito são tão salientes, que admira, que se possa desconhece-los, ou falsifica-los. Não temos a honra de conhecer o Sr. D. Manuel, consagramos-lhe muito respeito em attenção á sua familia, entretanto somos forçados, bem á máu grado nosso, á publicar esta nossa opinião sobre o seu intelligivel e illegal comportamento, como Juiz de Direito da Comarca de Vassouras; agora, quanto ao facto de haver S. S. lavrado as duas mencionadas condemnacões *d morte*, sem que os Jurados, unica auctoridade competente em tal caso, houvessem declarado, em que grau de pena julgavam elles haver o Reo incorrido; sem duvida, que ao Sr. Ministro da Justiça pertence o seu conhecimento, e á ser verdadeiro; compete-lhe o dar as providencias necessarias, para que não se continue d'esta maneira á violar as Leys.

O SR. JOSE JOAQUIM DA ROCHA.

Nós esperamos que a Provincia de Minas Geraes preencha um dos logares vagos no Senado pela morte de dois dos seus membros, com a nomeação do benemerito ancião o Sr. José Joaquim da Rocha, natural da Cidade de Marianna.

Preconizando a candidatura do Sr. Rocha, nós nos esforçamos em render justiça ao merito esquecido e mesmo despresado d'este grave Brasileiro. E' elle um d'esses raros cidadãos, que tem sabido atravessar os máos dias dos nossos acontecimentos politicos, sem remorsos, e sem mancha, o que não é facil nas revoluções, onde são tantas, e tão rudes as provas, contra que tem de luctar os caracteres.

Membro da Assembléa Constituinte, n'essa epocha gloriosa da nossa politica emancipação, o Sr. Rocha prestou innumerados serviços á causa da liberdade nascente, serviços sem estrondo, e sem apparato; mas nem por isso menos importantes e preciosos. A sua modestia, e perfeita independencia á respeito do Principe e dos partidos, nunca lhe permittiram grangear uma d'essas ovações de Theatro, uma d'essas brilhantes nomeadas; que se formam de manhã, e se desvanecem á noite. O unico renome, á que elle aspirou, foi o titulo de *homem de bem*, de servidor leal de seu paiz, o mais duravel e glorioso de todos os titulos.

Bem depressa a Constituinte foi dissolvida: no meio da solemne festa da sua liberdade, o povo Brasileiro vio-se repentinamente dispersado pelo poder arbitrario; ás alegrias succederam as angustias, e o desanimo do porvir. O Sr. José Joaquim da Rocha foi expiar no desterro o crime de haver nobremente servido o seu paiz; foi esta a recompensa do seu patriotismo, a qual elle aceitou com resignação, parecendo até satisfeito de ser a victima escolhida no sacrificio

No fim d'esta quadra da nossa existencia social, tão agitada, tão laboriosa, regressaram enfim os illustres desterrados da Constituinte; voltaram á seus patrios lares aquelles mesmos, que o despotismo do Imperante havia arrancado á terra de Santa Cruz, como que para comparecerem então nos funeraes do Imperio do proprio Pedro I.

A Regencia Provisoria, levada de excellentes disposições para o merito, e os serviços, disposições mais que muito passageiras, e que só duram nos primeiros momentos, que succedem á uma revolução, nomeou o Sr. José Joaquim da Rocha para representar o Brasil na Corte de França, na qualidade de Ministro Plenipotenciario.

Chegado apenas ao logar do seu destino, o novo Enviado foi o alvo de mil intrigas, que lhe suscitava a inveja da sua posição. Mais de uma vez na Corte de França, elle teve occasião de encontrar-se com D. Pedro I., Imperador então sem throno, e sem sceptro... quanto haviam as cousas mudado! Que voltas tinha dado a fortuna!.

Nas suas relações com este Principe, o Sr. Rocha portou-se como um perfeito Cavalleiro, o que deu pretexto ás denuncias calumniosas do Sr. Moutinho, e dos seus amigos. E porque? Apesar de haver sido victima dos máos conselhos do Principe, o Sr. Rocha todavia se não persuadia, que um homem honesto devesse jamais insultar á grandesa decahida, e injuriar o infortunio. Elle abandonou a gloria d'essa coragem ao magnifico campeão convertido, que outrora havia rastejado nas anticamaras do Palacio.

O Sr. Rocha negligenciava defender-se, cuidando, que os serviços feitos na Legação de Paris com honra, intelligencia, e zelo, seriam a melhor resposta ás insinuações dos seus inimigos.

Euganou-se, como de necessidade devia acontecer! O direito e a justiça nada tem sido para os Governos do Brasil; o patronato, e algumas *manobras particulares*, são os unicos meios, que tem até aqui elevado as nossas notabilidades. Foi demittido o Sr. Rocha, depois de quatro annos de servi-

ços, deixando honrosas recordações nas duas Cortes, onde residira, *Paris e Roma*.

Regressando de novo ao Rio de Janeiro, elle tem-se dado inteiramente aos trabalhos da advocacia. Alheio ás intrigas da politica actual, sem se metter com os partidos, é entretanto estimado e venerado por todas aquellas pessoas, que o conhecem.

Tal é o Cidadão, sobre quem nós chamámos a attenção dos Eleitores Mineiros.

VARIÉDADES

Quando todos os Jornaes do Brasil se occupam da nomeação do Regente, cada qual appresentando o candidato, com quem sympathisa, descontinando ao publico as suas qualidades, e as suas opiniões, parece justo o accusar-se o *Jornal dos Debates* por não ter ainda tocado n'este ponto, aliás tão importante para os futuros destinos do Brasil. Mas para que se ingerirá elle n'este negocio? De que lhe servirá o declarar o candidato, cujas idéas politicas estejam em harmonia com as suas? Deixar-se-hão accaso os Eleitores do Brasil, que devem decidir tal questão, levar pelas idéas do Redactor? E' mister possuir-se de muito orgulho, para assim pensar. O Chronista parece decidir-se pelo Sr. *Hollanda Cavalcante*, o Sete de Abril se declara pelo Sr. *Araujo Lima*; alguns correspondentes do *Diario do Rio* querem o Sr. *Antonio Carlos*. Emfim cada um defende o seu predilecto. O *Jornal dos Debates* nada dirá sobre tão importante assumpto, e espera que os Eleitores com maduresa votem n'aquelle dos Candidatos, que em consciencia julgarem mais digno de occupar tal logar.

— A eleição para um Deputado pela Provincia de Minas Geraes, pela vaga, que deixou o Sr. Vasconcellos, aceitando a pasta da Justiça, tem continuado lentamente. Quando fallámos a primeira vez sobre isto, o Sr. Dr. Queiroga, Candidato da extrema opposição, tinha uma maioria de 40 votos sobre o Sr. Vasconcellos; e segundo as ultimas noticias, subio esse numero á mais 44. A Provincia de Minas, que constantemente havia nomeado seu Deputado á Assembléa Geral do Brasil o Sr. Vasconcellos, parece querer-lhe hoje recusar essa prova de confiança. Ha entretanto na Câmara electiva uma quasi que necessidade da tactica parlamentar do Sr. Vasconcellos, para dirigir os seus mais importantes trabalhos. Porem, como restam por votar 7 Collegios, e a maioria obtida pelo Sr. Queiroga não seja muito superior, esperamos ainda, que a Provincia de Minas reelegerá o seu velho athleta.

— Acaba de ser publicada a interessante obra de *Silvio Pellico*, intitulada — **AS MINHAS PRISÕES** — traduzida pelo Sr. João Cândido de Deus e Silva. Desnecessário é tecer encomios a uma obra tal como esta. A Europa inteira a conhece; em todas as linguas foi traduzida. O Sr. Deus e Silva fez um verdadeiro serviço ao paiz, trasladando-a para a lingua Portuguesa. É o melhor compendio de moral, que se possa entregar nas mãos da mocidade; é um hymno dedicado á *Religião* por uma alma nobre e pura. Pensamentos da primeira ordem adornam as linhas d'este livro, irmão gêmeo de outro composto pelo mesmo Auctor, e também traduzido pelo Sr. Deus e Silva, sob o titulo de — **DEVERES DO HOMEM** — Recommendamos portanto na leitura á todos os Pais de familia, é á todos os preceptores. —

— No dia 16 de Dezembro ultimo faleceu em Paris o Marquez de Taubaté, ex-Encarregado dos negocios do Brasil no Reino de Napoles. —

UMA AVENTURA

EM VENEZA.

Era uma bella noite de luar: sereno estava o céu, e o ar embalsamado de harmonia e de perfumes; mollmente balançavam as aguas do Adriatico, movidas por uma branda viração; a lua espargia seus raios sobre a cupola de S. Marcos e os reflectia sobre o mar; mil gondolas passavam e repassavam, formando com o battido dos remos e o murmuro das estrellas uma musica divina, que acompanhava os canticos dos barqueiros. O povo em multidão se abalroava na praça de S. Marcos, entrando e saindo dos bellos cafés que formam um dos seus melhores ornamentos. De quando em quando soavam as horas na campanila, e eram repetidas, como em echo, do outro lado do grande canal em Santa Maria da Saude. Muitos homens e mulheres passavam com diferentes costumes, e alguns mascarados, circumstancia esta permitida nos nossos dias por ser o tempo do carnaval.

Entretanto, em quanto tudo á roda de mim parecia respirar alegria, em quanto Veneza se engolphava nos prazeres, ao som de diversos instrumentos que tocavam curiosos, eu estava tristemente sentado no pedestal da columna de porphyro, que sustenta o bronzo leão de S. Marcos; e lançando os olhos sobre o Adriatico, que tão pittoresca e eloquentemente desliza a meus pés, sulcado por mil ligeiros bateis, e sobre cuja face fulguravam as sombras da columna do

leão, da campanila, da basilica de S. Marcos, do palacio dos doges, da ponte dos suspiros e das prisões de estado, a minha imaginação melancolica me rasgava o painel do passado, de um passado tão brilhante, tão cheio de gloria, tão cheio de uteis lições.

Patria de bravos, que desde os muros de Padua até os confins da Illyria foste o asylo da liberdade! Templo de heróes, o que te resta de tão nobres sentimentos?... Não és mais Veneza do que o tumulto da gloria, e hoje filhos degenerados e indignos pizam sobre a terra que creára tantos genios!... Então ella parecia tranquilla e alegre, e eu, em tanto um sorriso ~~me~~ ^{me} ~~via~~ ^{via} ~~nos~~ ^{nos} ~~seus~~ ^{seus} ~~restos~~ ^{restos} de tão grandes palacios que ornem as ribas do Rialto; e era eu quem me entristecia, e eu na primavera dos annos, na manhã da vida, no tempo das illusões, das crengas e da volubilidade!... Sim, porque eu reconhecia então a analogia da minha idade com a da minha patria; eu estava a duas mil leguas distante d'ella, e a via illudida, a via desconhecendo o caminho da verdadeira liberdade, do progresso e da civilisação; eu notava Veneza nos ultimos arrancos de uma dolorosa vida que devia ~~findar~~ ^{findar}, e temia pelo Brasil uma identica velhice absorvida pelos remorsos, e não se honrando com as corôas da gloria.

Diante de mim saltavam, dansavam e passavam mil mascaras, e o olhar de uma só d'ellas não recalhava sobre mim, que me achava solitario. Quando de todo o meu pensamento longe estava do logar que recebia a marca de meus passos, senti uma forte pancada no hombro esquerdo; estremei, e pareci sair do lethargo que me dominava: era uma mascara que me vinha arrancar aos vãos do sonho, que me vinha interromper o fio de meus pensamentos.

— Que queres? — lhe perguntei eu: — quem procuras?

— A ti mesmo, Signor Forestieri.

— Que queres de mim, bella mascara?

— Vi-te só, procurei-te, e talvez te não arrependas de dar-me alguns momentos de attenção. —

A mascara parecia ser do sexo feminino, porquanto tinha um *domino negro* que lhe cobria o corpo todo, e uma fita encarnada que lhe trahia as bellas formas do corpo, cerrando-lhe a cintura: um turbante turco ornava-lhe a cabeça, e um caxo de longos cabellos lhe ondulavam nas costas.

— Bravo! — disse commigo, passando da maior melancolia a um — laissez aller — de bastante prazer: — bravo! até aqui me julgava o mais infeliz dos homens; o amor ainda nada tinha querido de mim, e Deus permit-

ta que isto seja alguma deidade de quem eu fiquo apaixonado, e que me dê sentimentos apaixonados, para poder então com *sciencia do caso* bem descrever os. Bravo! — continuei: — isto é alguma aventura galante, e não se diga que eu por ellas não passei! Ha tanto tempo desejava uma, para ter que contar — Per Dio! — me diz a pessoa, com quem eu começava já a ~~esquecer~~ ^{esquecer} a conversação, tirando a mascara que ~~lhe~~ ^{me} occultava as feições: — o sr. Brasileiro me não conhece? —

Não sei como deva descrever a minha surpresa, quando reconheci no objecto, que tão galantemente se offerecia á minha vista, a filha do dono do Hotel em que eu me alojava; a bella Laura, ou como dizem os Italianos, Lauretta. Fiquei tanto mais estupefacto, quando reparei na grande distancia que existia entre os ~~meus~~ ^{meus} ~~de~~ ^{de} ~~Veneza~~ ^{Veneza} e os da minha Patria. O que se diria no Rio de Janeiro, si uma donzella se disfarçasse com falsas, vestes; e se mascarasse, e passasse só pelas ruas?... Entretanto, era Laura uma donzella virtuosa, honesta e honrada. — Pois tu aqui? — repliquei-lhe eu: — o que fazes? — Vim a um baile, onde, si queres te posso conduzir, e assim poderás fazer melhor juizo dos costumes de Veneza. — Pois eu ir assim a um baile sem ser convidado, sem conhecer pessoa alguma?

— Eu te apresentarei: assim como estás, vás admiravelmente; falta-te somente uma mascara, para melhor poderés gozar de todos os prazeres que offerece tal solemnidade. — Caspiti! — disse commigo: — eu apresentado em um baile por uma donzella! E' na verdade uma aventura romanesca.

Comprei por duas *liras* uma mascara, e deixei-me guiar por a bella Laura: no entanto, desejo esboçar-lhe os traços.

As Venezianas são as mais bellas moças que eu tenho visto, e entre todas as Venezianas Laura realçava ~~a~~ ^a sua belleza: ignoro inteiramente a razão porque a natureza espargio com mais prodigalidade essa ~~qualidade~~ ^{qualidade} sobre o bello sexo nascido nas costas do Adriatico, do que por exemplo em Florença, Roma, Paris, Bruxellas, Marselha, etc. Mas o facto é este, e consideração alguma, capricho, má vontade, ou prejuizo, poderão negal-o. As Venezianas são bellas, e já durante toda a media idade e em todos os paizes, sua formosura era exaltada por os viajores. Laura tinha uma testa alvissima, cabellos mui negros, dois grandes olhos negros, que como anginhos saltavam ~~sobre~~ ^{sobre} os supercilios, um nariz mui delicado, e uns labios que rivalisavam em cor e em doçura com o botão de uma rosa: entreabrindo-se ás primeiras lagrimas da Aurora; suas mãos e seus pés eram mo-

delos de bem feito e de subtil, e seu corpo era tão engraçado, tão mimoso, que o mais tenaz dos homens se julgaria vencido.

Deixámos a praça de S. Marcos, e entrando em uma rua, como quem vai a S. João e Paulo, logo ao lado de uma pequena ponte, avistámos um vasto palacio todo em marmore, ás ribas de um canal; ~~como o são quasi todos do Venetia~~. Entrámos em um vasto salão, ricamente mobilhado e curvado sob o peso de mais de quatrocentas pessoas de ambos os sexos, que ali estavam. A musica echoava e as danças se preparavam. Muitos creados de servir, trazendo grandes bandejas de doce e mil differentes refrescos, offereciam aos convidados, que por maior parte estavam disfarçados. Vestes Turcas, Polacas, Chinas, Indias, Peruanas, selvagens, Romanas, Israelitas e da media idade, eram as principaes metamorphoses.

— Desgraçado o paiz em que com tanto fogo se dança! — disse eu à minha companheira, que me não deixava e me mostrava com tanta amabilidade o que havia de curioso no salão. — Em quanto os pés saltam, choram ás vezes os filhos em casa, pedindo com lagrimas de sangue dinheiro para comprar pão com que saciem a fome, o dinheiro que se gastou no vestido e nos sapatos, nas joias e no collar, para parecer-se rico entre os ricos, brilhante no meio das bellas! —

— Não tens razão, — me respondeu ella: — sem saber dançar, nada se aprende; sem desenvolver o corpo, não se pôde desenvolver a alma; e para te provar que nos bailes se encontra muita gente que não tem as más qualidades que apontas ali tens aquella snra. que parece ter percorrido já quarenta janeiros; ella vem com a companheira que tem ao lado, aos bailes, somente para chorar.

— Para chorar vir aos bailes! — exclamei eu, rindo-me com toda a força.

— Sim, continúa Laura; ella tinha um filho que muito amava; é descendente de uma das mais nobres familias da velha republica, da familia Barberini inscripta no livro d'ouro que conta quatro Doges, um Papa e tres Cardeaes entre seus membros. Este filho amava muito os bailes, e n'elles se encontrava sempre com Luiza, a mais bella donzella do seu tempo, da nobre familia Zeno. O amor os prendeu, e seus parentes se propozeram a unil-os á face da igreja. Desgraçadamente na véspera de seu casamento, algum motivo se elevou em Venesa, e appareceram gritos sediciosos contra o poder da Austria. Ordens de prisão se lançam immediatamente contra os que se diziam authores, e entre estes figurava Fernando Barberini, o

amante de Luiza Zeno. A Austria, essa hydra feroz que sobre a infeliz Venesa se lançou, essa ave carniceira que lhe tem devorado seus melhores filhos, que a tem envidado, escravizado, e torturado; a Austria, traidora e sanguinaria sculhora, condemnou o infeliz a 20 annos de prisão nas masmorras de Spielberg, onde ~~tambem~~ fizeram os celebres poetas italianos, Silvio Pellico e Maroncellir Envão luctou Fernando contra o ar empestado da prisão, as más comidas, os bichos que rasgavam-lhe o corpo, e a falta de ar: o infelix exorou no fim de seis annos.... Infeliz mãe! triste amante.... Desde esse tempo, ambas se vestiram de lucto e continuamente assim andão. Vão ambas a todos os bailes, como por penitencia, somente para chorar: observando os prazeres que amava Fernando, vendo os logares testemunas dos seus suspiros amorosos, as lagrimas rotam de suas palpebras e se precipitam atravez das faces.

— Que bella penitencia! Bem parece lembrança feminina! — Respondeu eu.

Entretanto, aproximando-me das duas senhoras, que estavam vestidas de preto, e tristemente sentadas em um canto do salão, notei que na verdade, choravam, e uma lagrima tambem me cahiu imperceptivelmente dos olhos, lembrando-me de um pai e de uma mãe, que, durante a minha ausencia da patria, tinham baixado á sepultura...

Eram quatro horas da manhã, e todos se preparavam a deixar o baile: eu offereci o meu braço á bella Laura, e, acompanhados por sua mãe e irmãos, que tambem estavam no baile, e por alguns estrangeiros mais, chegámos á casa.

No dia seguinte visitei as prisões da inquisição, que estão por baixo do palacio dos Doges, e lá remexendo entre os nomes dos infelizes prisioneiros victimas do despotismo austriaco, achei o de Fernando Barberini.

P. S.

CORRESPONDENCIAS.

CONCURSO DA ESCOLA DE MEDICINA.

No dia 6 do corrente teve lugar a prova oral do concurso para a cadeira de operações da Escola de Medicina. Os dons Substitutos, os Srs. Doctores Candido Borges, e José Mauricio apresentaram-se como candidatos; o Sr. Dr. Borges mostrou uma vasta erudição, um conhecimento profundo sobre o ponto do concurso, reunindo uma grande facilidade de exprimir-se; qualidade não menos importante para quem se destina ao Ma-

gisterio. O auditorio pareceo encher-se de praser, e applaudir o Joven candidato, que tanto honra a nossa Escola de Medicina. Todos reconhecem no Sr. Dr. José Mauricio talento e saber, mas infelizmente o seu máo estado de sande, a debelidade de sua voz não lhe permittiram que elle completasse a hora; entretanto não se pode negar que elle possua as qualidades necessarias para ser Professor, e teria obtido a Cadeira, se uma serie de circumstancias não tivessem habilitado mais o seu competidor na Sciencia Cirurgica.

Um Alumno.

MAIS OUTRA INSURREIÇÃO!!!

As desgraças não cessam de desfeixar-se sobre este desditoso Brasil; aos desastres succedem os desastres: depois das revoltas do Rio Grande, e Bahia, parecia que a tormenta revolucionária ia enfim esgotar-se, mas eis que uma nova rebellião acaba de rebentar na Legação de Paris; o seu chefe, o Sr. Moutinho proclamou-se livre, e independente, e começou as hostilidades, recusando dar posse ao Enviado da legalidade, o Sr. Macedo, que o fora substituir. Tem já corrido de um lado, e d'outro torrentes de.... tinta em *successo vario*, e as cousas conservavam-se no mesmo estado, á sabida do Paquete. Disem que o chefe Rebelde endereçara uma circular ao corpo diplomatico Brasileiro, reclamando o *casus federis*, e protestando não acquiescer á condição alguma de paz, sem que primeiro fosse restituído ao estado *ante bellum*. O que hade ser de nós! estamos todos perdidos, si a Providencia Divina nos não ampara n'esta difficil conjuntura!!!

Consta que o Governo querendo atalhar na sua nascente os progressos da rebellião, expedira já ordens á casa de Samuel & Philipps para pôr em um *bloqueio* rigoroso as algibeiras insurgidas. Espera-se que este meio será bastante para restabelecer a ordem, e salvar a integridade da Diplomacia. Como está rusinguento o Sr. Moutinho! safá!!! O Legalista.

AVISO.

Roga-se aos Srs. Subscriptores, á quem não fossem entregues alguns ns. d'este Jornal, falta esta devida aos antigos entregadores, hajam de os mandar reclamar n'esta Typographia. D'oravaute se lhes affiança prompta e regular entrega.